

LEITURA, O ATO DE LER E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: UMA PRÁTICA SOCIAL E CULTURAL

Patrícia Moreira Salina Fernandes Pimentel
Universidade Estadual Paulista, *Campus* Marília

Introdução

Início meu relato com a intenção de trazer reflexões resultantes das discussões, partilhas vivenciadas e temáticas abordadas durante os encontros realizados e as trocas entre a professora e os colegas que estiverem comigo, no segundo semestre do ano de 2024, em uma disciplina, oferecida pela Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) de uma Universidade Estadual de uma cidade do interior do Estado de São Paulo, ministrada por uma professora doutora do programa.

A disciplina se apoiou nos teóricos e suas obras para promover reflexões e discussões, Chartier (2002), Barbosa (1998), de Barbosa, Catani e Moraes (2015), Barbosa (2001), Silva e Ferreira (2011) Chartier (2016).

Ao refletir sobre o que trazer para esse relato destaco a importância em se pensar a leitura e o ato de ler como prática social e cultural e como formação humana, e como as representações e práticas sociais são fundamentais para a compreensão e aprendizagem da leitura, os atos de ler.

É importante considerar as práticas culturais e o movimento histórico das necessidades humanas para pensar as diversas linguagens e as línguas outras que permeiam entre a humanidade e as sociedades.

Pensar em cultura em diferentes formas, estruturas diversas, perpassando os grupos sociais de poder para as relações e para as representações são aspectos fundamentais. A história se modifica, e nesse movimento histórico, acontece novos eventos, segundo Chartier (2002, p. 14)), “[...]as atitudes perante a vida e a morte, as crenças e os comportamentos religiosos, os sistemas de parentesco e as relações familiares, os rituais, as formas de sociabilidade, as modalidades de funcionamento escolar etc. [...], são novos objetos que se transformam.

A história cultural é transformada por esse movimento e é formada pelas representações e aos interesses do grupo que as constitui. Segundo Chartier (2002, p. 16-17):

A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é constituída, pensada, dada a ler. Uma tarefa desse tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real (Chartier, 2002, p. 16-17).

As relações e representações sociais, as lutas sociais, tomam uma posição e apoiam um discurso que é contrário a eles mesmo, os grupos sociais impõem um discurso, que muitas vezes nem percebem

que o próprio discurso está enfraquecendo suas lutas e acabando com seus próprios direitos. Chartier (2002) afirma que,

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.

Segundo Chartier (2002), é preciso romper com a hierarquização da própria estrutura social para que as posições e relações atribuídas a cada classe, grupo ou meio, para que as práticas reconheçam uma identidade social, de estar e pertencer ao mundo.

Metodologia

Este relato analisa o ensino dos atos de ler e da leitura como prática social e cultural, enfatizando o papel do professor na formação de sujeitos críticos. Baseou-se em uma revisão de literatura de Chartier, Barbosa, Silva, Ferreira, Bakhtin e Volochinov, e na participação das discussões e reflexões vivenciadas em uma disciplina do PPGE de uma universidade estadual de São Paulo em uma cidade do interior, no ano de 2024. A análise articulou conceitos de representações sociais, práticas culturais e desenvolvimento humano, destacando a leitura e o diálogo como instrumentos de construção de consciência histórica, social e cultural.

Resultados

O ato de ler e a leitura, produzem no sujeito leitor esse sentido de ver e pensar o real, de consciência de mundo e de se notar como pertencente a esse movimento histórico, pois é um sujeito social e histórico, portanto produtor de cultura.

O diálogo com o texto, nessa relação com o outro, segundo Bakhtin (2017, 2011) é o que forma o sujeito, essa relação e interação com o outro são constituintes do sujeito.

Diante dessas reflexões, o que é ler? aLer é compreender o mundo. É preciso ler, para uma formação humana, para se compreender os valores, comportamentos, crenças, leis e ainda por se estar inseridos em uma sociedade letrada.

A apropriação da leitura é um fazer pedagógico de humanização. A leitura não é algo técnico e formal como ensinar a ler um manual, é preciso romper com isso e com o paradigma da relação grafema e fonema, ou de pensar a leitura como tirar sons das letras e das palavras. É importante compreender a leitura como um direito, a leitura como formadora, a leitura como autonomia e consciência de mundo.

O papel do professor é essencial para formar esse sujeito, é formar leitores e esse fazer pedagógico é para todos os professores e professoras, e não somente nos intitulados alfabetizadores e alfabetizadoras, mas para os professores de todos os conteúdos que permeiam o campo educacional.

Para romper com esse ciclo que perpassa o sistema educacional brasileiro se faz necessária uma conscientização desse problema social que está acontecendo, ou seja, uma profissionalização do sistema, com uma formação docente que visa a formação humana dos sujeitos, com melhores salários, e melhores suportes e ferramentas para as práticas e ações pedagógicas.

Para Silva e Ferreira (2011) as práticas sociais e culturais são fundamentais para a compreensão e aprendizagem da leitura. A informação vai além daquilo que está realmente escrito e vai ser lido, os elementos que provocam e possibilitam a leitura estão nos eventos sociais e nas vivências e conhecimento de cada sujeito, isto é, quando o sujeito chega para ler algo se chega como ser historicamente constituído. Segundo Jakubinski (2015), quando o leitor se encontra com o texto, ele carrega sua massa aperceptiva, sua consciência de mundo (Freire), seu acervo cultural – seu conjunto de vivências e experiências, então há a negociação de sentidos e o diálogo com o texto.

Chartier (2016) traz uma discussão em relação ao ensino escolar da leitura dissociada dos aspectos sócio-históricos da alfabetização, e com isso ressalta a importância em se considerar os movimentos históricos, a cultura, os grupos sociais e seus interesses, o poder político e econômico e como todos esses aspectos impactam os métodos de ensino. A autora ainda traz como reflexão sobre o fracasso escolar, algo que ainda está fortemente presente no discurso das escolas atualmente,

Esse fracasso era atribuído principalmente a causas extraescolares (a criança, a família, o ambiente social), em cujas explicações concorriam psicólogos (quociente intelectual insuficiente); psicanalistas (bloqueios psico-afetivos), neurologistas (dislexia) e sociólogos (fraca cultura escolar das famílias). Mas, cada vez mais, a própria escola ia sendo colocada em questão, com seus professores mal formados e seu ensino arcaico da leitura escolar (Chartier, 2016, p.5).

Conclusão

Barbosa (2001, p. 55) afirma que “no ato de ler estão implícitas questões como a leitura que cogita alcançar uma compreensão, a leitura que reconhece a historicidade de cada obra a ser lida. O sentido constituído em práticas de leitura é impregnado de historicidade.”

Segundo a Filosofia da Linguagem e seus teóricos Volochinov (2017) e Bakhtin (2011), a linguagem é constitutiva do sujeito, ou seja, as diversas linguagens que permeiam a humanidade e as sociedades.

Dessa forma, destaca-se a importância em compreender a leitura, o ato de ler, a linguagem e o diálogo para uma formação humana, portanto como prática social e cultural.

Palavras-chaves: Leitura; Práticas Sociais; Formação Humana.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. [Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco]. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. 160 p.
- BARBOSA, R.L.L. **A construção do "herói". Leitura na escola: Assis - SP - 1920/1950**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- CHARTIER, A.M. **Os três modelos da leitura entre os séculos XVI e XXI: como as práticas sociais transformam os métodos de ensino**. Rev. bras. hist. educ., Maringá-PR, v. 16, n. 1 (40), p. 275-295, jan./abr. 2016
- CHARTIER, R. **A HISTÓRIA CULTURAL entre Práticas e Representações**. Tradução: Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Alagôves: Difusão Editorial S.A. 2002. (p. 13-28).
- JAKUBINSKI, L. *A apreensão na percepção da fala*. In. **Sobre a fala dialogal**. São Paulo: Parábola, 2015. (p. 87 – 98).
- SILVA, L.L.M. da; FERREIRA, N.S.A. **Avaliar práticas culturais de leitura**. Ensino Em Re-Vista, v. 18, n. 1, jan./jun. 2011.
- VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.